

O teatro das aparências: gênero e indumentária

José Carlos de Araujo Jr

I.

A efetiva e permanente apropriação masculina de vestidos e acessórios marcadamente femininos, nunca anteriormente realizada na história da moda, é um fato que, no Brasil, começou a ter grande visibilidade durante o carnaval. Nos dias em que se segue tal festividade orgiástica, o travestimento parece ter uma função muito importante, no que se refere aos gestos histriônicos frente à ordem estabelecida. Mesmo homens com vidas inteiramente de acordo com os padrões, durante o carnaval, se submetiam de bom grado a vestir roupas e acessórios femininos. Blocos de homens travestidos foram recorrentes desde o início do século XX, principalmente no Rio de Janeiro.

Claro que tais blocos, muitas vezes, era composto por homens que permaneciam em suas posturas viris e másculas, realçando o caráter puramente lúdico do momento. Mas também havia travestis que viam no carnaval uma brecha muito conveniente para infiltrar-se e manifestar-se tal como eram: homens-mulheres. Dificilmente seriam vítimas de violência física ou verbal ali, naquela fauna tão variada e intensa, delirante, como ocorre nos carnavais.

A infiltração de travestis não ocorreu somente nas ruas, durante esta festividade. Também nos musicais do teatro de revista dos anos 50 e nos concursos à fantasia, faziam presença ruidosa. Foi num destes eventos que Madame Satã (1900-1976), no Rio de Janeiro de 1938, venceu com a fantasia que mais tarde lhe emprestaria o famoso apelido.

Nas cidades pequenas, o processo das figuras travestidas virem à luz demorou mais um pouco, porém despertando a mesma reação de espanto e aversão. Em Londrina, havia uma figura que, comparada ao próprio Madame pelos embates físicos que travava com os policiais, começou a chamar atenção. Considerada uma travesti

pioneira na cidade, na década de 60, obteve grande respeito por outras que, com o tempo, foram chegando na cidade.

A presença das travestis londrinenses no carnaval, obviamente, era bem mais tolerada que nas “vadiagens” noturnas, este um caso digno de punição. Nos anos 80, um famoso deputado recolhia todas que encontrava nas ruas com o camburão da polícia e, no paredão da delegacia, mandava o bombeiro esguichar a água, com mangueiras de alta potência.

Numa cidade como Londrina, a reação negativa, tanto do meio social quanto do policial em relação às travestis, toca num ponto crucial que será discutido aqui, ou seja, a relação do corpo com a invenção da indumentária. A problemática da coerência que se espera entre corpo e vestimenta não era um caso tão alarmante como o é na contemporaneidade, que justifica suas normas sempre em termos binários, maniqueístas e excludentes; é necessário ultrapassar o número dois, e não esperar uma harmonia final, fruto de uma dialética redencionista.

Incoerência daquele que é incapaz de traduzir o biológico na indumentária, já que, para todo tipo de travesti (homossexual ou não), o desejo (múltiplo, ou seja, além do número dois) manifesta-se no tecido da pele e da vestimenta. No lugar da sobriedade, a imaginação. Incoerência, no sentido da norma fundante, seria infringir tais regras binárias, devir que afeta diretamente um acontecimento de metamorfose constante, como é o caso do travestimento.

A divisão dos sexos, enquanto uma prática dualista de padronização e domesticação cultural dos comportamentos, não opera somente no discurso biológico. Também na história das vestimentas vê-se uma problematização muito freqüente, com relação a esta separação simbólica e empírica. Contudo, em se tratando do universo da moda, tal prática não se dá de forma simples, direta e transparente, seguindo o trajeto do dominador ao dominado. Antes, há uma circulação de expressões concernentes ao seu tempo e espaço, fazendo da moda algo incerto, provisório, perecível, seja nas mudanças bruscas e originais, seja nas releituras ou nas

readaptações. Talvez seja esta circularidade que permita à moda apresentar espaços passíveis de imaginação criadora, consciente ou inconscientemente.

Historicamente, a moda começa a se manifestar ao fim da Idade Média, desenvolvendo-se plenamente entre os anos 1200 e 1400. A partir daí, sexualidade e vestimenta travaram uma relação de extrema proximidade e interdependência, tornando públicas as determinações que cada um dos sexos deveria cumprir. Porém, segundo a historiadora Anne Hollander, a moda também retrata a sexualidade como sendo sem lei, inventiva. Diz a autora:

“Simultaneamente e em harmonia com outras artes visuais, o vestuário veio para propor um programa ilusionista e tridimensional para o corpo vestido, um novo meio ficcional, uma forma poética, (...) um drama que se vale de atores vivos. O corpo propriamente dito tornou-se tema de ficção. As pessoas tornaram-se figuras e personagens, e não apenas membros de grupos”.¹

A sexualidade passa então a desempenhar o papel de motor expressivo, fonte de criatividade, capricho e invenção. Como base da forma dos vestuários, a sexualidade está presente em toda expressão de força na moda. De acordo com Hollander, o modo sexual abarcava os indícios de classe social e função, ou seja, a roupa de um homem era primeiramente masculina, e só posteriormente nobre, rural ou proletária. Desde o início de sua história, o vestuário expunha o corpo masculino ou feminino a partir de fantasias a respeito da sexualidade; temperar a forma para que esta se ajustasse às outras dimensões da vida era uma questão *a posteriori*.

O vestuário sexualizado costuma, portanto, a representar de forma estética e binária o biológico-anatômico e a expressão cultural do que se entendia por masculino e feminino. Interferir nesta coerência, nesta linha de comunicação direta entre corpo e vestuário é geralmente visto como travestismo, transexualismo, ou qualquer outro termo *transversal*. Mas esta problemática nem sempre foi uniforme historicamente, muito menos uma interdição oficial ou social.

II.

O jogo das aparências, relacionado às formas que vestem os sexos, é uma espécie de dramatização justamente porque a moda trilhou um longo caminho para polarizar mais nitidamente as roupas, influenciada por uma atmosfera social ao mesmo tempo em que influenciava os comportamentos. E, considerando determinadas épocas, leis, espaços e sociedades, esta dramatização cotidiana adquire diversos tons. Um caso bem peculiar é o do Chevalier (ou Chevalière?) d'Eon, cujo nome deu origem ao termo mais técnico, cientificamente falando, para travestimento: *eonismo*.

Nascido em Tonnerre, França, em 1728, este suposto homem, na vida adulta, teve uma promissora carreira militar e diplomática, a serviço do rei Luís XV. Nesta época era comum o envio de espiões para missões estrangeiras, caso este em que d'Eon viu-se encarregado. D'Eon desempenhou um importante papel na aproximação (mediante interesses de guerra) entre a França e a Rússia, por volta de 1756. O curioso é que, em sua autobiografia, d'Eon recria à sua maneira esta sua ida à Rússia, para estabelecer relações com a corte de Elisabeth e convencê-la a travar relações com Luís XV, através de cartas. O Chevalier, em sua fabulação conceitual, diz ter ido à Rússia com a função de ajudar a rainha russa a escrever tais cartas, desempenhando o papel de professora. Exercendo o papel de diplomata e espião, no papel feminino, d'Eon parecia dar corpo à sua fábula alimentando-a com suas teorias sobre a mulher.

D'Eon foi um leitor assíduo de livros a respeito de mulheres ilustres da França e do mundo. Alguns exemplos da temática destes livros: apologia às mulheres da história, filoginia, dicionário de bolso de mulheres célebres, história literária das mulheres francesas, acervo das leis sobre o direito das mulheres, galeria das mulheres fortes, história de Joana d'Arc, estudo da maneira como se devem vestir os dois sexos, a dama polida, estudo dos costumes femininos nos diversos séculos e livros sobre amazonas. Enciclopédias em vários volumes, acerca de mulheres

ilustres, faziam parte de um corpo literário chamado *Querelle des Femmes* (debate sobre as mulheres), que se desdobrava em folhetos, peças, tratados e diálogos abordando a diferença de gênero nesta época.

Como um pesquisador quase obsessivo da mulher, d'Eon talvez já maquinasse uma metamorfose apoiada em toda uma pesquisa a respeito da diferença de gênero. O que não quer dizer que d'Eon fosse estritamente um travesti, ou um transexual, como algumas abordagens psicologizantes tentaram reduzi-lo. Para o vício do pensamento binário ocidental, há em d'Eon (como em todo travesti) uma estranha falta de lugar, uma suspensão de identidade fundada.

Quanto à sua identidade sexual, D'Eon fez de si um experimento ambulante, causando as mais estranhas reações, os mais absurdos e ruidosos mexericos em todo nível de classe. Dizia ele que nascera mulher, mas que, submetido ao desejo dos pais em relação a ter um filho homem, fora criado como tal. Recebendo uma educação masculina, voltou-se na idade adulta à carreira política e militar, chegando a defender a França na Guerra dos Sete Anos (1756-63), ao que fora nomeado a capitão no corpo de elite dos dragões, pelo rei. É desta insígnia que d'Eon não abriria mão jamais, mesmo vestindo-se e portando-se como uma mulher. O que era de um absurdo grotesco, uma mulher com insígnias militares, símbolo máximo da virilidade bélica androcêntrica.

Para d'Eon, no entanto, não havia problema algum nisso, já que seu conceito de mulher não exclui a bravura, a honra, a carreira política e militar. É neste ponto que entra a figura histórica que tanto o fascinou: Joana d'Arc. Tanto ela como as amazonas o afetaram profundamente, em suas leituras de mulheres célebres. A força afirmativa dessas mulheres exerceu uma importância muito grande nas idéias deste excêntrico francês.

No reinado de Luís XV, este ignorou (no sentido punitivo) as manias de d'Eon; pelo contrário, parecia o admirar, concedendo-lhe certas regalias. Porém, posse de Luís XVI, houve certas reformas que incluíam o “caso d'Eon”, que ganhou as ruas em

forma de panfletos, canções, impressos, sátiras e inspirando até uma peça de *Comédie Italienne*.

A situação tornou-se insustentável quando, visto como uma mulher vestindo uniforme militar, Luís XVI (junto à corte de Londres, onde d'Eon residiu durante um tempo) decretou-o como mulher, devendo desistir de seu uniforme de capitão dos Dragões, sendo legítimo ou não seu merecimento. A ordem era para que se portasse como uma mulher da corte, ou então receber as devidas punições (como ser destituído do direito à vida pública e trancá-lo num convento de freiras).

Segundo Gary Kates², este é o momento que, de forma clara, d'Eon passa a adotar realmente os trajes femininos. Apesar dos boatos históricos que o relatam como um espião na corte russa, como um diplomata infiltrado com trajes femininos, isso não passa de deformação. Na verdade, é um enigma saber se realmente d'Eon se portou como mulher em suas missões, apesar de suas já relatadas leituras assíduas da questão feminina. Porém, no mínimo, sua decisão intelectual (já que fundada em seus estudos) em portar-se como mulher (e militar) esteve algo entre 1766 e 1776, ano em que culmina com a ordem do Rei, com quem d'Eon ainda adia seu destino numa contenda de dois anos.

A partir daqui, a ordem do rei subentendia um programa completo para a *Chevalière*, que passa a receber instruções (domesticações?) das mais refinadas *mademoiselles* da corte; os hábitos, as etiquetas, as boas maneiras, tudo foi cuidadosamente preparado para o nascimento *de fato* da *Chevalière*. Rose Bertin, diretora do guarda-roupa de Maria Antonieta, foi quem criou seus novos trajes femininos.

D'Eon foi tão longe com seu projeto que sua autópsia foi um escândalo, ao descobrirem que, na verdade, tratava-se de um homem. Um homem anfíbio que, segundo os documentos alegam (ou deixam de alegar), jamais teve um(a) companheiro(a) sequer.

Esta problemática em relação ao sexo e a indumentária levanta uma questão muito presente no universo do travestimento, lembrando muito o caso do hermafrodita Herculine Barbin, analisado por Michel Foucault³. Da mesma forma normatizante, Herculine, que desejava viver tal qual uma pessoa que possuía dois sexos, fora obrigada a adotar a identidade masculina, por um saber médico e jurídico, o que acarretou em seu suicídio. Daí a famosa pergunta de Foucault: “precisamos de um verdadeiro sexo?”.

Eis uma pergunta que toca diretamente a estranheza que a ambigüidade dos travestis suscitam, num sistema que se conserva binário. O termo psiquiátrico “eonismo”, referente ao travestimento, é fruto deste desenvolvimento de saberes e técnicas direcionadas a sujeitos desviantes; o mesmo ocorreu com Sade e Masoch.

O Brasil também não foi exceção, quanto a tais métodos, principalmente na primeira metade do século XX, auge da boemia nas grandes cidades. As técnicas lombrosianas foram muito presentes, principalmente na análise dos “sodomitas” (também chamados de “bagaxas”, pelo vocabulário da época) que faziam presença não só na marginalidade, mas no campo da literatura e das artes. O discurso médico não só via comportamentos desviantes a partir da anatomia, mas as vestes também demonstram seu impacto no interior deste discurso da norma. Mesmo a elegância e o refinamento do dândi poderiam ser vistos como sintomas de patologia. Na literatura médica da época, são citados, nas portas dos teatros, moços imberbes exibindo suas botas de salto, calças justas, chapéu, cigarrilha, lenço no pescoço e camisa de cetim. Ao modo de Madame Satã, famoso malandro carioca inventor de uma vida voltada à intensidade.

Talvez seja pela alta temperatura de desejo vital presente nas travestis que incomodasse o meio social e, junto a ele, a ciência. São figuras da incerteza numa sociedade que busca avidamente as certezas. Seria o caso, talvez, de terminar este texto com algumas palavras de Foucault para o prefácio de um livro de Deleuze e Guattari, O Anti-Édipo⁴:

“Libere-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a lacuna), que o pensamento ocidental, por um longo tempo, sacralizou como forma do poder e modo de acesso à realidade. Prefira o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade; o fluxo às unidades; os agenciamentos móveis aos sistemas. Considere que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade”.

¹ HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 48

² KATES, Gary. *Monsieur d'Eon é mulher: um caso de intriga política e embuste sexual*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

³ FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

⁴ DELEUZE, Gilles e Guattari, Félix. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977